



## **DIÁSPORAS NA AMAZÔNIA ORIENTAL – REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE MÍDIA, IDENTIDADES, ESPAÇO PÚBLICO E DIVERSIDADE CULTURAL NO MARCO DAS MIGRAÇÕES.**

Keyla Negrão<sup>1</sup>

**Resumo:** As relações entre a construção da produção de sentidos das identidades dos migrantes e o espaço público midiaticizado surge no marco de uma nova diáspora africana em terras amazônicas, a região do Norte do Brasil especialmente nos centros urbanos. Este trabalho ensaístico visa articular alguns elementos do contexto que preside estes processos: comunicação, **políticas públicas e cultura (migrações e diversidade). São elementos para uma reflexão sobre as transformações das identidades sociais no espaço público e midiático, como mediações que convergem neste exercício.**

**Palavras-chave** - identidades, midiaticização, migrações, espaço público, Amazônia.

### **Apresentação**

O mundo atual passa por grandes transformações que concorrem para uma outra reconfiguração do espaço público: as transformações tecnológicas de mídias e as explosões identitárias no marco das migrações. Esses são elementos motivadores para qualquer desafio intelectual, científico que se proponha enfrentar os temas da sociedade e da cultura do novo século.

Nesse cenário, as migrações surgem como fenômeno em extraordinária expansão. A partir do ano de 2000, assim era sinalizado pela ONU, houve o registro do dobro do quantitativo global de migrantes no mundo. O relatório da ONU naquele ano registrava 175 milhões de pessoas residentes fora de seus países de origem. Ressalta-se, portanto, que esse número pode ser bem maior, já que os números oficiais não computam os casos de migrações clandestinas existentes em todos os continentes, ou seja, não entram nos registros divulgados pela ONU os migrantes não-regularizados, segundo afirma a pesquisadora Cristina Blanco da Universidade do país Vasco na Espanha (BLANCO, 2000).

O fato é que a evidência do aumento representativo dos fluxos migratórios é cada vez mais uma realidade, seja nos países desenvolvidos ou em “desenvolvimento”, como é o caso do Brasil, o que está a gerar uma série de experiências que precisam qualitativamente ser abordadas da perspectiva cultural e das possibilidades de comunicação e interações existentes no espaço público. Pois é no espaço que passam a se encontrar (e chocar) novos modos de vida, portanto, vários movimentos de cultura. Assim, esta cena nos motiva a pensar os desafios que as políticas públicas nesse setor devem enfrentar.

Este trabalho desafia pautar elementos para uma reflexão sobre a configuração das identidades no espaço público contemporâneo, articulada às questões de cidadania e participação política, diversidade cultural e espaço público. A proposição desta reflexão é insinuar alguns conteúdos de estratégias de construção de identidades na mídia e suas conexões com os campos das políticas culturais, prioritariamente.

---

<sup>1</sup> Keyla Negrão é doutora em Ciências da Comunicação (UNISINOS), professora da Universidade da Amazônia (UNAMA - Jornalismo e Publicidade) e do Curso de Especialização “Imagem e Sociedade” da Universidade Federal do Pará” (UFPA).



O recorte **temporal** deste objeto de trabalho é a partir do ano de 2000, busca-se levar em consideração a publicação do relatório da ONU sobre o aumento dos fluxos migratórios como um indicador de mudanças significativas no espaço público, pois sinaliza deslocamentos no mundo todo de forma significativa.

O recorte **espacial** deste objeto é o território marcado pela recente consolidação de um novo modelo de diáspora na Amazônia paraense, concentrada na metrópole da Amazônia – Belém;

O outro recorte é focado nas **formas narrativas jornalísticas**, a partir de um protocolo de um **corpus** midiático centrado na repercussão da temática das migrações aliadas a um assunto focado na agenda do debate das políticas públicas sobre regime de quotas de minorias étnicas como mola do discurso de inclusão sociocultural dos migrantes negros no Brasil. Esse assunto tem suscitado na sociedade o pensamento sobre um modelo de inclusão para fomentar a elaboração de políticas públicas que pensem a respeito das diferenças culturais e democracia, tema este bastante assediado pela mídia. Pensamos que se trata de uma nova mola de arranque do debate sobre a gestão para atuação no espaço público.

E esse objeto ainda compreende engendramentos do contexto da globalização, as disputas políticas globais marcadas pela onda terrorista, conflitos sociais e explosões de identidades nesse caso especificamente, uma nova cobertura da presença negra que se coloca nesse limiar, inclusive a presença não oficializada - *migrações clandestinas* – (COGO, 2006). É a partir desse prisma que tentamos pensar um objeto de uma nova relação entre espaço público, mídias e migrantes. Pensamos que esse contexto suscita uma reflexão científica e política, no sentido de pensar um repertório de categorias de midiaticização que pautam os fenômenos migratórios.

Assim, percebemos que há um universo sobre essa temática que pode compor uma pesquisa sobre as relações entre o campo da mídia e as políticas públicas, prioritariamente. A tarefa é pensar como o campo da mídia constrói e apresenta enquadramentos narrativos de novas modalidades de migração na sociedade e como esses enquadramentos funcionam nas relações a gestão pública da cultura numa sociedade da diversidade cultural.. **Ou seja, o trabalho ensaístico se ocupa em refletir sobre como a mídia organiza a cultura sobre a temática das migrações no espaço público. Que instrumentos, sujeitos e procedimentos ela se apropria e articula para essa operação?**



### **Contextualização: Migrações e Espaço público**

Acontecimentos emblemáticos como o 11 de setembro, afirma Martín-Barbero (2006), apontam para alguns caminhos indispensáveis sobre a reflexão da sociedade. De um lado se agravam os processos de violação dos direitos, legitima-se um *apartheid* cultural, sofisticam-se os protecionismos com a justificativa e desconfiança de que os fluxos migratórios se convertam em nichos fundamentalistas nos países de disputas sociais pela concentração do capital. Por outro lado, espetáculos da política como o Fórum Social Mundial, sediado no Brasil (até a sua terceira edição), convertem-se em uma espécie de novo espaço de exercício de uma cultura política de resistência e de alternativas (utópicas) para uma outra cidadania. Nesse contexto explodem uma pluralidade de sujeitos políticos e diferenças culturais, que colocam na pauta da sociedade e da mídia uma radicalização de demandas de descontentamentos sociais que enfrentam os engessamentos do capitalismo global.

É nesse cenário que se colocam estas notas reflexivas de trabalho. Nos interessa construir uma trajetória de pensamento crítico que nos permita avaliar as competências e estratégias de mediação das mídias que afetam as formas de percepção das identidades num cenário, onde os temas das migrações e suas relações com a democracia X conflitos sociais estão em pauta.

Nos colocamos como desafio identificar os sujeitos e competências desse processo de midiaticização das identidades pelo processo que inaugura a expressão de novas narrativas, novas escritas e novas cenas nos processos de migrações africanas no Brasil, especificamente na Amazônia oriental.

Os fenômenos migratórios discutidos como fenômenos inerentes aos processos de globalização nos motivam a fomentar um debate sobre a configuração de um novo espaço público tanto nos países periféricos como centrais. Isso nos incentiva a repensar determinadas fronteiras sociais e culturais, que buscam estrategicamente novas esferas de atuação pública para os discursos que constroem numa vida visível-midiaticizada (espaço de vida)<sup>2</sup> para os sujeitos migrantes, contidos em projetos sociais.

---

<sup>2</sup> Ver Cogo, Denise. Num estudo sobre migrações no Brasil, a autora descreve os processos migratórios reconstituídos por determinadas categorias espacial, temporal e simbólica que identificam várias modalidades de deslocamentos migratórios. Ou seja, os deslocamentos implicam diversas formas de atuação cultural e política dos indivíduos que vão construindo nessa perspectiva vários “espaços de vida”.



### **Contextos das migrações no Brasil: “Criminalização”?**

O Brasil, erguido sob o signo da democracia racial, exerceu um protagonismo na América Latina sobre as etapas de migração. A Amazônia especialmente, a maior região do estado brasileiro participou de várias políticas de incorporação e exclusão cultural e social durante seus vários períodos de ocupação, de tentativas de se conceber uma integração territorial.

Mas o período chamado da fase de implantação de Grandes Projetos, a internacionalização de setores estratégicos como a exploração e beneficiamento mineral, demandou formas de planejamento das ações migratórias na região que ganharam uma dimensão midiaticizada. Em escala regional e local, o Pará segundo maior estado da Amazônia brasileira em volume de terra, sofreu na sua rotina uma reviravolta política, econômica, social e cultural quase que excluída da opinião pública (das disposições da sociedade civil) e delegada às esferas do parlamento, do mundo dos especialistas de mídia. Criou-se uma espécie de opacidade em torno desses temas na esfera midiática.

No entanto, com o êxodo rural, populações empurradas da floresta para a cidade, da várzea para o asfalto instigaram no debate social uma valorização das demandas sobre cenas de violência pública, potencializando conflitos sociais em áreas urbanas. O campo político não consegue na esfera do estado dar respostas pra contornar a situação, sobretudo às demandas que se fixaram na periferia das grandes cidades. Os pólos de exploração mineral geraram uma modalidade específica de migração, a migração de especialistas de países centrais, criando um novo ciclo das mobilidades sociais e culturais na região.

Nessa direção, alguns autores apontam a **criminalização** como uma categoria recorrente dos textos da mídia impressa como pautando as migrações como interface de um cenário de violência e criminalização, afirma Denise Cogo:

“[...] a criminalização que marca a construção midiática de migrações em que, a partir de nomeações como ilegais, clandestinos, irregulares, refugiados, deportados, os migrantes são alvos de uma semantização negativa e ‘policialesca’ que inclui intolerância, violência desemprego, isolamento, preconceito, pobreza, condenação, fiscalização, deportação, expulsão, tráfico ou detenção.” (COGO, 2006: 38)

A criminalização é um enquadramento dessa temática. E isso implica uma relação direta com a atual conjuntura política que vive o país. Alguns programas sociais foram implementados pelo governo Lula, e se reproduziram em termos do município. Mas em nível do governo do Estado do Pará, sobretudo nos últimos 12 anos, ergueu-se uma espécie de *blindagem cultural*, uma espécie de escudo invisível que tenta não pautar, refratar os conflitos que se dão nesse trânsito entre centro e periferia, entre rural e urbano, entre o que se vende como produto midiático e as estratégias de sobrevivência na vida cotidiana, entre o homem amazônico e suas relações com novas demandas de migração, entre várias etnias que compõem esse estado que ainda se encontram sem voz e a voz que as mídias constroem desses processos com outros protagonistas do espaço público midiaticizado.



A privatização da vivência cotidiana aos moldes da comunicação comercial escreveu nesse estado a não-história de muitos povos. A população migrante veio chegando, mas as políticas não chegaram com o mesmo ritmo. Muitos povos ficaram impedidos de escrever, falar e se ver nas mídias.

No Estado do Pará não se fortaleceu em mais de duas décadas a cultura popular nas suas referências locais ou da educação pública, mas por outro lado se fortaleceu uma política cultural que cuida das agendas dos museus e teatros, e nos últimos 12 anos, principalmente das obras fausticas. São coisas que ampliam alguns muros, uns visíveis outros nem tanto, que nos provocam a pensar sobre a tão propagada democracia e diversidade cultural brasileiras. Se a riqueza da região ainda circula, é urgente avaliar o que se coloca no debate sistemático dessas políticas vinculadas às aspirações da tão propagada cultura da diferença.

Segundo o geógrafo Milton Santos (2004), esse cenário cria uma espécie de *mal-estar* e um desafio para a configuração dos espaços na globalização. As comunidades africanas continuam se deslocando e esse deslocamento cria a idéia de identidades flutuantes. E a experiência das migrações indicam cenários protagonizados por esses personagens excluídos da sociedade que interagem com as mídias (filmes, jornalismo, telenovelas, telenovelas etc), criando outros reordenamentos no espaço público, o espaço de visibilidade de projetos socioculturais..

Nos resta saber: como se constroem esses lugares de interlocução dos migrantes com as mídias, que lugares são esses? Como os migrantes exercem esse protagonismo? O que é relevante narrar? O que se silencia? Ao se deslocarem, os africanos estão comunicando cultura? Como a mídia está percebendo e se apropriando disso?

O cenário social caracterizado por uma precariedade de políticas públicas para as situações de migração, geralmente, cria uma dinâmica social em que o migrante passa a negociar seu papel social e uma outra forma de cidadania e identidades sociais por relações informais e cotidianas, pois demora esperar pelas ações de governabilidade, pelo menos, nos moldes tradicionais.

### **Protagonistas : cultura e cidadania**

Na cultura, a música *hip hop* é uma evidência atual, como o blues e o jazz foram anteriormente, e como historicamente, foram ultrapassando barreiras culturais e estabelecendo plataformas de negociações sociais e culturais sem, no entanto, esperar pelo rituais, agendas e dinâmicas das políticas públicas.

Um festival de cinema no Pará (Curta Pará Cine Brasil), recentemente (jun/2006) apresentou o documentário independente chamado O “happ da Ceilândia”, produzido em Brasília, especificamente na zona satélite de Brasília, majoritariamente formada por migrantes negros, nordestinos que se organizam para sobreviver no Distrito Federal com os altos custos de vida da cidade administrativa, que gerou no seu entorno uma mão-de-obra informal. Lá, não se tem uma política de inclusão, fomento à criação de programas para geração de emprego e políticas culturais para juventude, é uma cidade-escritório, que se ocupa em sofisticar uma estrutura que comporte executivos e parlamentares.

Nesse caso, o “Happ da Ceilândia” é uma estratégia audiovisual de mediatizar o novo lugar de onde uma cultura negra se reorganiza. A mídia independente tenta buscar em espaços públicos um lugar para circulação desses trabalhos de onde a cultura negra busca falar das identidades criadas na periferia e como o trânsito delas na capital do país significa uma forma de colocar na sociedade uma pauta histórica



e emergente. É uma estratégia empreendida por grupos específicos, onde as mídias ocupam uma função social fundamental, a de motivar grupos a promover espaços para se ver e falar, criar estratégias de representações sociais no espaço público.

### **Conflitos urbanos, identidades sociais e gestão pública.**

O país da democracia racial, então, enfrenta hoje casos como o PCC na grande São Paulo que colocam na agenda política o tema do social sobre o qual o presidente Lula construiu toda sua estratégia política, e soube usufruir eficientemente de um tema disponível na sociedade, reelegeu-se no pleito de 2006.

A questão da administração pública se coloca num ambiente de enfraquecimento das formas tradicionais de governabilidade, que incide na atuação de um “Primeiro Comando da Capital”. É o espaço público a protagonizar outras formas de “governabilidade” em que a violência é o motor de uma ocupação de micro-territórios das metrópoles, como no caso de São Paulo. É lá que o PCC se tornou ao mesmo tempo como uma ameaça à segurança pública, e se impõe como um novo padrão de punição num país com a segunda maior população negra do mundo. Assim pensamos que as questões do tráfico exigem do poder público políticas para serem negociadas e implementadas junto a esses segmentos majoritariamente excluídos.

A segurança do morro depende do tráfico, lugar onde quem governa é um novo comando, não importa se seus limites éticos conformam-se com uma modalidade do crime e confrontam-se com um sistema perito de segurança pública em uma das maiores cidades da Latino América. Vez ou outra, quando a situação gera uma espécie de pânico para população interna e turistas, o governo apresenta o exército como cortina de fumaça, um pacote de ações emergenciais para as questões de segurança de fundo estratégico até hoje não resolvidas com projetos estruturantes para a sociedade.

A mídia funciona como um lugar de abrigo da opacidade das questões sociais profundas e históricas no Brasil, que surgem desde as aglomerações na primeira capital do país, quando a corte real portuguesa ocupa o Rio de Janeiro e os primeiros grandes núcleos urbanos com toda ostentação e dá às costas para a miséria de uma população negra e de mestiços que se aglomera nos cortiços das cidades. Desde então, os conflitos gerados nessa cena urbana acabam por se reduzir a questões de polícia, muitas vezes, a violência gera então, um debate social sobre políticas públicas, senão daqui há pouco a convivência pública se tornará insustentável.

Assim, direitos civis e liberdade, segurança pública, deixam de ser decisões de uma coletividade para atender às demandas de ações de um segmento que emplaca com a violência, ampliando uma idéia de criminalização vinculadas ao conceito de migração intra e extra-comunitárias .

Em “O abusado”, livro-reportagem do jornalista Caco Barcellos<sup>2</sup>, é possível entender evidências de como o tráfico promove uma migração simbólica e efetiva de poderes, de aspirações de uma comunidade. A comunidade antes credenciava aos representantes políticos o poder de resolução dos conflitos sociais. Hoje, a sociedade é tomada de assalto a descredenciá-los em nome de um poder maior: o

---

<sup>2</sup> O jornalista caco Barcellos é correspondente internacional da TV Globo. Escreveu dois livros sobre o crime organizado em São Paulo e Rio de Janeiro. No texto que é uma grande reportagem histórica, o jornalista, narra as relações entre a polícia e o tráfico e como isso foi reconfigurando espaços e sujeitos dentro das metrópoles.



tráfico. Criam-se assim novos guetos, onde a sociedade se organiza e faz alianças pra sobreviver com as “armas” que têm. É o estado da democracia que tenta sobreviver em um território dentro da cidade sitiado pelo tráfico, pela violência e pela exclusão social. A cena pública está vendada à diferença cultural.

### **Perspectivas de abordagem do problema**

Mesmo com o acirramento de algumas questões sociais, raciais que as cidades brasileiras vivem, não diferente de alguns centros dos países do Norte, alguns temas ainda ficam na geladeira. Os enclaves culturais, étnicos se criam e se ampliam na metrópole da Amazônia, por exemplo; assim como se vê países da Latino América como a Argentina que tem que aprender a lidar com um grande fluxo migratório depois dos desajustes econômicos da era da dama ferro, que massacraram a Argentina com negociações políticas que passaram por cima da noção de cidadania.

O que merece ser ressaltado é que esses processos colocaram na periferia da agenda social as várias implicações da movimentação cultural que se tem notícia acerca do fenômeno das migrações. Reforço a idéia de “blindagem cultural”, no sentido de manter as relações de exclusão/inclusão sem fortes impactos sociais na mídia.

A mídia, no entanto, merece ser assinalada como um espaço de discussão de propostas alternativas sobre as políticas para esses novos sujeitos políticos, sujeitos da migração, sujeitos excluídos. São os sujeitos, que transbordam as fronteiras demográficas, territoriais, brigam por direitos no seu novo lugar, numa dinâmica cultural diferenciada, desenraizada, construída por mediações outras. Identidades outras que se criam, em alguma medida, midiaticizadas. A atuação de novos atores sociais no espaço público, como nos estimula a pensar Martín-Barbero, passa a ser uma necessidade estratégica da dinâmica cultural e política na sociedade atual :

“[...] Pois para que a pluralidade das culturas do mundo seja politicamente levada em conta, é indispensável que a diversidade de identidades nos possa ser contada. Narrada em cada um dos idiomas e ao mesmo tempo na linguagem multimídia em que hoje se realiza o movimento das traduções – do oral ao escrito, ao audiovisual, ao informático – e, nesse outro, ainda mais complexo e ambíguo: o das apropriações e das miscigenações” (MARTÍN-BARBERO, 2006: 63).

Assim, compreendemos que as identidades se constroem na fragmentação de relatos sobre novas formas de se colocar no mundo, sobre possibilidades reais de comunicar, dar visibilidade, contar histórias de sujeitos que historicamente construíram esse contexto, mas como sujeitos tiveram que sair dos seus lugares de origem e reinventar suas identidades por vezes flagradas e reconstituídas pelas mídias.

A exemplo disso, a TV RBS do Rio Grande do Sul exibiu uma série de documentários que narra a “Conquista do oeste”. São histórias de famílias gaúchas que vão subindo o país pela costa oeste, fixam-se as culturas em outros territórios, passam pelo centro-oeste, chegam na Amazônia oriental com outras identidades, os gaúchos do oeste que reinventam seus espaços a partir de outras demandas sejam econômicas, socioculturais, conflitos rurais etc..



Trata-se de um contexto onde se erguem outras formas de percepção e produção das identidades, um contexto, sem dúvida, onde democracia e conflito sociais se colocam com muita força.

A explosão do 11 de setembro, para retomar o início dessa conversa, marca outro momento da pauta de conflitos atuais, os modos de ver o mundo, nascidos entre as fronteiras normativas e as *fronteiras imaginadas*, criadas no novo ambiente físico, político e midiático; Trata-se, em suma, de um problema construído entre discursos de convergências (e divergências) entre as *raízes móveis, os novos espaços de vida* possibilitados pelo fenômeno das migrações (Martín-Barbero) na contemporaneidade e as estratégias midiáticas de composição dessas histórias de migrações.

## **Migrações na Amazônia oriental: diásporas negras.**

Atualmente, o crescimento da cidade é também reconfigurado pelo que entendemos serem novas modalidades de migrações. Para autores da cultura como Manuel Castells, Stuart Hall, García-Canclini, pode-se compreender que os fenômenos das migrações no ocidente fortalecem uma pluralização no mapa geográfico e cultural dos estados, e conduzem novos vínculos entre nações, territórios e culturas através da cada vez mais aceleradas formas de representação das identidades sociais e atuações públicas.

Assim se fortalece a categoria do *estrangeiro* (KRISTEVA, 1994) que se coloca em outro patamar de discussão, confrontando-se com as dimensões míticas do *outros/exótico*. Passam de exóticos a personagens estrangeiros nesse novo cenário, são hoje aqueles que vêm por opção, porque escolheram por várias razões e facilidades (no caso do Brasil) entre países, a viver e assumir essa categoria de *estrangeiro* com metas muito específicas.

São mais de 350 anos de escravidão no Brasil que reforçam por razões históricas vínculos culturais entre Brasil e África, e obviamente com Portugal por razões de dependência política que se criaram entre Amazônia colonial, Portugal e África.

Hoje, muitos africanos chegam com um projeto de (cultura) vida, projetos de identidades em um novo contexto de diásporas, é o que Denise Cogo define como “migrações sofisticadas”:

“As migrações motivadas pelo trabalho intelectual, sobretudo, acadêmico e de artistas ou relacionadas a funcionários especializados de organismos internacionais, instituições não-governamentais ou governos nacionais integram outra tipologia de fluxos e direções das migrações [...]”. (COGO, 2006: 77)

Da condição de escravizados no Brasil colonial, os africanos aparecem como sujeitos da sociedade amazônica, trazendo para o debate cultural outros sentidos da colonização, outras especificidades de esferas de construção das identidades, principalmente a que nos interessa, a mídia, as interações entre o espaço público e o espaço público midiático.

A migração de universitários é um exemplo de que hoje não se chega aqui por perseguição cultural ou política, por fome ou por fuga de guerra. Uma nova modalidade de ocupação é resultado de tratados políticos e da “livre” escolha dos jovens estudantes.

A África é o segundo maior continente da terra, e igualmente, o segundo mais populoso. Tem cerca de 30 milhões de km, cobrindo 20,3% da área total da terra e possui cerca de 840 milhões de habitantes. Cinco países da África foram colônias portuguesas e usam o português como língua oficial:



Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Em Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe são ainda falados crioulos portugueses.

O governo brasileiro através do Ministério das Relações Exteriores, em parceria com o Ministério da Educação e Instituições de ensino superior do país, promovem o PEC-C (Programa Estudante-Convênio de Graduação) que possibilita a cidadãos da Latino América, Caribe, Ásia e África cursarem uma graduação gratuitamente no Brasil através de um Programa de bolsas. Através deste Programa entre 300 e 500 estudantes estrangeiros dos países conveniados são beneficiados anualmente. As embaixadas são responsáveis pelos processos seletivos. Os estudantes selecionados são premiados com um visto temporário emitido pelas representações diplomáticas do Brasil em cada país.

No Pará, instituições públicas e privadas de ensino superior despertam cada vez mais o interesse de estudantes africanos. Pode-se dizer que existe um forte núcleo da comunidade africana de universitários no estado. Semelhanças climáticas, culturais, históricas geram um conjunto de fatores favoráveis à escolha do Pará para ser o celeiro dessas comunidades africanas de cidadãos recém-saídos do ensino médio, jovens africanos. Em tese, a falta da falta de condições reais para o desenvolvimento de políticas públicas para educação superior nos países africanos geram um outro momento das diásporas africanas na Amazônia. Existem bolsas de pós-graduação também disponíveis através deste Programa. Em 2005, constata-se cerca de 770 alunos africanos regularmente matriculados e, teoricamente, com o Registro Nacional de Estrangeiro (RNE) fixados em faculdades brasileiras, segundo o Ministério da Educação.

Esses convênios regulam o comportamento acadêmico e social do estudante *estrangeiro* no país, impõem uma série de obrigações, deveres e direitos que moldam sua permanência no país e na comunidade onde passam a integrar oficialmente como migrantes universitários, são normatizações para se definir o perfil do estudante africano no país estrangeiro, grosso modo um “manual de identidades”: como ser estudante africano, por exemplo, no Pará.

Há 10 anos percebemos as implicações dessa nova diáspora no ambiente universitário, especificamente na cidade de Belém. A convivência com alguns núcleos de estudantes universitários, principalmente cabo-verdianos, nos faz atentar para a comunidade africana como uma voz presente ao mesmo tempo sua presença normatizada, opacizada por um tratado entre países, negociações políticas e econômicas entre Brasil e África. Essa espécie de moldura política cria situações de *interculturalidade* (COGO, 2002) muito interessantes e pouco percebidas e exploradas pela mídia local.

Então, o que acontece com a dinâmica cultural nesse processo de integração dos africanos em terras paraenses? Qual o limite da atuação dessas personagens sociais dentro e fora da comunidade universitária? Que tipos de amparos acadêmico e cultural encontram na sociedade que começam a “pertencer”? Que marcas agregam e deixam nessas comunidades? Que estratégias de fortalecimentos dos laços com suas origens e as novas culturas empreendem neste início de século? Que fatores “invisíveis” moldam essas relações bilaterais?

### **Para finalizar**

Todas essas podem ser questões que criam alguns indicativos e princípios para compreensão dessa nova diáspora africana, no entanto, nossa questão é relacionar a participação dessa nova presença na Amazônia com as questões de mídia, democracia e espaço público. Ou seja, como pensar formas de atuação no espaço público, a partir da diversidade cultural do estado.

Como as mídias podem ser lugares estratégicos desse debate cultural? Há inúmeras inquietações a partir desse novo cenário que se põe entre nós paraenses desde a década de 80.

A festas, as comemorações de independência, a música, a dança, a língua, as facilidades de comunicação, os racismos, as demandas sociais desses grupos de migrantes podem ser fatores de mudanças na geografia cultural, elementos interessantes para linkar a condição das novas diásporas



dentro de um contexto contemporâneo do fenômeno migratório, uma espécie de “nova diáspora africana.”, presidida por novos horizontes de conquistas e perdas, de acúmulos e esquecimentos, de resistências e negociações sociais e novos lugares de intervenção e visibilidade social como o *campo dos media*.

São as histórias dessas diásporas narradas por seus protagonistas que é o foco dos desdobramentos dessa reflexão. A questão racial não é nosso tema principal, (tampouco a religiosa), embora tangencie nossa preocupação, mas nos preocupamos com que espécie de conhecimento que se produz no marco dessas migrações, já que nosso objeto são estudantes universitários e como as mídias estabelecem com esses novos sujeitos e modelos narrativos das migrações protagonizadas pelas mídias e a comunidades negras na Amazônia. E como esses novos sujeitos e suas interações sociais podem ser um marco para definições de identidades.

## Referências

- BHABHA, Homi K. **O local da cultura** Trad. Myrian Ávila, Eliana reis, Gláucia Gonçalves. Belo Horizonte: Ed UFMG, 1998.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Ed. Paz e terra, 1999.
- COGO, Denise. **Multiculturalismo e campo midiático: narrativas sobre as identidades nos 500 anos de descobrimento do Brasil**. IN: Mídias e processos socioculturais. Rio Grande do Sul, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Mídia, migração e interculturalidade**. IN: Revista Fronteiras – estudos midiáticos, vol IV, n 02. São Leopoldo/RS, 2002.
- FERRAZ de SOUZA, Célia & PESAVENTO, Sandra Athay (orgs.). **Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Porto Alegre: Ed.UFRGS,1997.
- GOMES, Paulo Emílio Sales. **Cinema: trajetória no subdesenvolvimento**. São Paulo. Ed. Paz e Terra,1996.
- GARCÍA-CANCLINI, Nestór. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1999.



- \_\_\_\_\_. **Culturas Híbridas – estratégias para entrar y salir de la modernidad**  
México: Grijalbo, 1990.
- GRUSZINSKY, Ana Cláudia; MORIGI, Valdir José & MACHADO, Márcia Benetti  
(Orgs.). **Comunicação e práticas culturais**. Porto Alegre: Ed. UFRGS/PPG Ciências  
da Informação, 2004.
- GUIMARÃES, César. **Imagens da Memória - entre o legível e o visível**. Belo  
Horizonte: Ed. UFMG, 1997.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações**. SOVIK, Liv (org), RJ, EDUFRRJ, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Identidades culturais na pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo a lógica cultural do capitalismo tardio**. São  
Paulo: Ática. 1997.
- MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas & Pós-cinemas**. Campinas/SP: Papyrus, 1997.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **De los medios a las mediaciones**. Barcelona: G. Gilli, 1987.
- MATTELART, André & NEVEU, ÉRIK (orgs.). **Introdução aos Estudos Culturais**. São Paulo:  
Parábola Editorial, 2004.
- ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- PAES LOUREIRO, João de Jesus . **Cultura Amazônica , uma poética do imaginário**. Belém,  
Cejup, 1997.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da comunicação**. Lisboa, Editorial  
Presença, 1994.
- SARGES, Maria de Nazaré. Belém: riquezas produzindo a belle époque. Belém/PA:  
Paka Tatu, 2002.
- SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na  
Argentina**. Trad. Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000.
- SOUSA, Octávio. **Fantasia de Brasil – as identificações na busca da identidade  
nacional**. São Paulo: Ed. Escuta, 1994.
- VERIANO, Pedro. **Cinema no Tucupi** . Belém: Ed Cejup, 1999.